

Requalificação do Bosque Saint-Hilaire Memorial de Projeto de Obras Civis

SILVA, Anderson Ferreira
BRANDÃO, Simone Buiate
REIS, Adriano F. dos

As intervenções propostas para a requalificação do Bosque Saint-Hilaire podem ser descritas a partir dos prazos de execução que se esperam para cada ação. Em curto prazo, ações emergenciais de limpeza, como a retirada de entulho, de resíduos sólidos e de mobiliário e equipamentos instalados no local cujo uso é inadequado, podem ser efetivadas. Ações como a reforma das instalações destinadas à drenagem das águas pluviais (canaletas, bueiros e caixas de inspeção). Garantir a segurança em algumas obras que se desenvolvem junto ao bosque, com a instalação de tapumes e gradis também é emergencial.

Tais medidas são imprescindíveis para as ações a serem implantadas em médio prazo, como a recomposição arbórea com espécies do bioma, integração dos fragmentos e instalação de equipamentos que possibilitem à comunidade universitária o usufruto do espaço com minimização dos riscos de degradação do bosque (fig. 1).



Fig. 1. Projetos de Intervenção. Elaborado pelos autores.

Simultaneamente, o Bosque Saint-Hilaire deverá assistir a um detalhamento de sua caracterização como área de preservação inserida em meio urbano, indicando seu potencial como área de ensino, pesquisa e extensão. Como tais cujos trabalhos devem se

estender por mais tempo, apontando caminhos para intervenções e cuidados que ainda serão propostos e avaliados, essas ações seriam classificadas como sendo de longo prazo. Desta maneira, o Bosque Saint-Hilaire também aperfeiçoará o seu papel como parte da “infra-estrutura verde” para o aglomerado urbano metropolitano de Goiânia, da qual se espera integrar-se com planos de urbanização, especificamente do campus Samambaia em uma universidade em expansão, assegurando funções ecológicas em meio urbano, possibilitando funções de recreio e de lazer (FERREIRA; MACHADO, 2010).

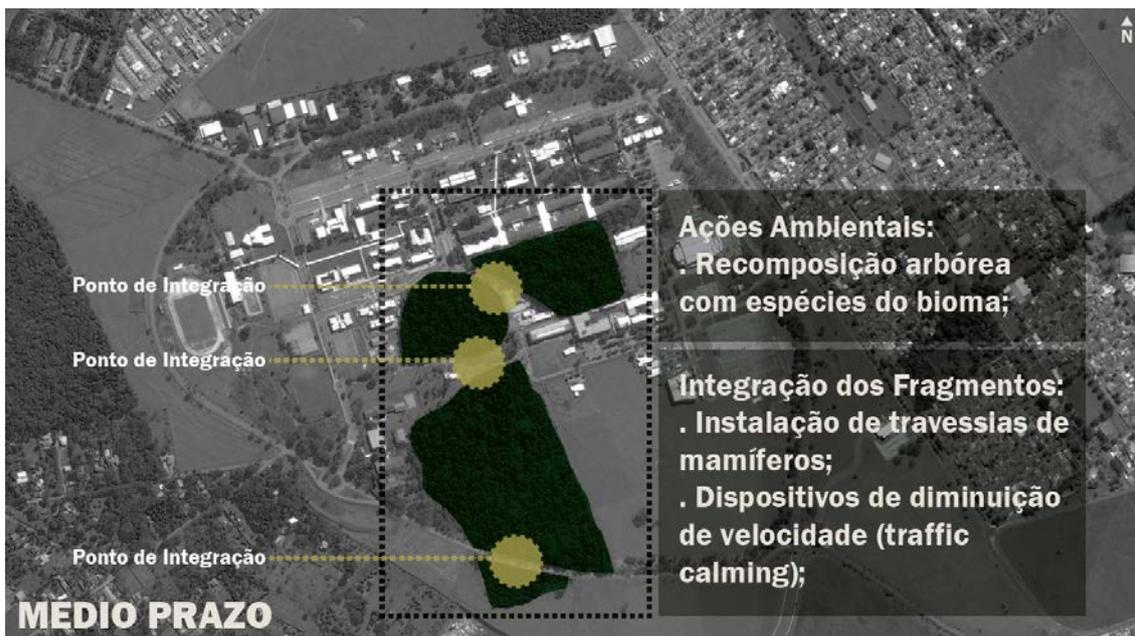


Fig. 2. Ações de médio prazo. Elaborado pelos autores.



Fig. 3. Ações de longo prazo. Elaborado pelos autores.

Especificamente, trataremos de descrever as ações de médio e longo prazo que envolvem a execução de projetos e obras civis (fig. 2 e 3):

- 1- Integração dos Fragmentos: o Bosque Saint-Hilaire não compõe uma superfície contínua de mata, mas é composto por fragmentos segregados entre si por faixas de terreno hoje ocupadas por sistema de circulação, especialmente de veículos. A população de mamíferos que existe no local corre risco em atravessar as vias e acessar equipamentos urbanos como lixeiras, normalmente instaladas à margem dessas vias. Serão propostos locais de travessia mais segura e pontes de cordas e cabos a serem instaladas no nível das copas das árvores para possibilitar aos animais arborícolas passarem de um fragmento ao outro sem descerem ao nível do solo ou utilizarem o sistema de distribuição de energia elétrica. Estudos indicam que tais dispositivos funcionam para a integração de remanescentes florestais, reduzindo a mortalidade de animais (TEIXEIRA et al, 2013). A mobilidade de animais tem grande influência sobre o ecossistema de fragmentos florestais, os quais, reconhecidamente, não são autossustentáveis quando isolados – inclusive quanto ao trânsito de sementes (VIANA; PINHEIRO, 1998).
- 2- Instalação de equipamentos: consiste da construção de passarelas, áreas pavimentadas, bancos e infraestrutura relacionada - como lixeiras, luminárias, dispositivos de sinalização, comunicação e identificação. Trata-se do conjunto de obras civis mais dispendioso e de maior impacto sobre o meio existente. Tal ação se desenvolverá em etapas, especificamente sobre a borda do fragmento voltada para os edifícios que compunham, originalmente, a área básica do Campus Samambaia da UFG, local onde se verifica grande pressão antrópica. A ação visa possibilitar o usufruto do espaço desta borda possibilitando sua ocupação pela comunidade universitária e visitantes de forma regular, menos danosa ao bosque, disciplinando a ação antrópica sobre o meio natural, possibilitando que se desenvolvam ações educativas e apoio a visitas orientadas. A respeito da instalação de equipamentos, pode-se afirmar que tal intervenção caracteriza-se como obra de “urbanização” de área lindeira ao bosque, constituindo uma pequena “zona de amortecimento” entre a área ocupada pelos edifícios e a reserva florestal, possibilitando usos distintos dos que vêm

vigorando (figuras 3 a 5). Tal ação visa, também, ampliar as oportunidades de lazer e recreação da comunidade universitária no entorno do bosque; além de oferecer apoio à educação ambiental, indispensável na consolidação da atitude de respeito às atividades e necessidades ligadas à conservação do meio ambiente (VIO, 2001 apud RIBEIRO; FREITAS; COSTA, 2014).



Fig. 3. Zona de amortecimento. Elaborado pelos autores.



Fig. 4. Zona de amortecimento. Elaborado pelos autores.

Especificamente a respeito das obras civis, pode-se afirmar que a proposta deveria, para ser viável, preservar a possibilidade do trânsito já existente de veículos de manutenção e serviço que atendem a diversas demandas das unidades instaladas nos prédios lindeiros: mudanças, troca de equipamentos de energia elétrica e de condicionamento de ar, além de abastecimento de geradores. Era previamente desejável que a obra preservasse a cobertura vegetal existente, bem como solo e topografia do local, buscando não interferir na drenagem e travessia de animais, especialmente os

mamíferos. Naturalmente, as obras deveriam apresentar custos adequados de construção e de manutenção ao orçamento da instituição.

As condicionantes levaram à concepção de plataformas dispostas ao longo da borda do bosque, as quais servirão para conduzir e atrair os transeuntes a um ambiente natural, porém dotado de infraestrutura que possibilite a permanência no local, como bancos, espaços de reunião, lixeiras e iluminação artificial. Estuda-se proporcionar para o visitante a disponibilidade de acesso à internet *wireless*.



Fig. 5. Zona de amortecimento. Elaborado pelos autores.

As plataformas são distribuídas no sítio de forma descontínua, possibilitando sua adaptação à paisagem vegetal, à construção por etapas, ao uso simultâneo por grupos de pessoas em atividades distintas e a menor interferência sobre a paisagem natural.

A primeira etapa de implantação contempla a construção de plataformas entre o Instituto de Química e o Instituto de Física, em quatro conjuntos. Neste momento, será possível criar um espaço pavimentado de maiores dimensões que se constitua como “entrada” desta “zona-tampão”, no qual grupos de visitantes poderão ser organizados para visitação, dotada de identificação do local. A relocação do busto de Auguste Saint-Hilaire será feita com sua fixação em uma estrutura metálica aplicada a um suporte de concreto armado cuja linguagem estética se aproxima da que está proposta para os totens de identificação e de sinalização.

O pátio entre os referidos prédios será estendido, com a construção das plataformas localizada de forma a permitir que as escadas existentes possam ser utilizadas como arquibancadas e local de contemplação da mata.

A segunda etapa, com as plataformas compondo três conjuntos, dará continuidade às ações previstas para o local, ocupando toda a borda do bosque voltada para os edifícios da área básica. Serão plataformas mais estreitas, em virtude das características da cobertura vegetal existente.

Esta intervenção deverá transformar as ações de mobilidade e de acessibilidade, pois as plataformas serão acessíveis por rampas.

Estes conjuntos serão compostos por módulos fabricados em concreto armado e estrutura metálica, sendo o concreto utilizado nas fundações e a estrutura metálica como suporte à pavimentação – igualmente em concreto. As peças da pavimentação e dos bancos foram escolhidas por proporcionarem uma releitura do espaço natural-rural, apresentando característica similar a pranchas de madeira, obtida por pintura e textura particulares. O metal também servirá para a execução do suporte dos bancos e dos guarda-corpos e corrimãos.

Alguns módulos serão pavimentados por gradis metálicos, o que possibilita seu recorte em torno de árvores existentes. Assim, os percursos propostos não interferirão na passagem das águas pluviais e o crescimento da vegetação. Os módulos foram projetados de forma a ser possível sua confecção fora do espaço do bosque, mitigando danos ambientais relacionados à obra, sendo sua montagem, desmontagem e substituição no local, atividades mais simples e menos dispendiosas.

Referências:

FERREIRA, José Carlos; MACHADO, João Reis. Infra-estruturas verdes para um futuro urbano sustentável. O contributo da estrutura ecológica e dos corredores verdes. **Revista LABVERDE**, [S.l.], n. 1, p. 69-90, set. 2010. ISSN 2179-2275. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/61279>. Acesso em: 22 maio 2015.

RIBEIRO, Marta Foeppe Ribeiro; FREITAS, Marcos Aurélio Vasconcelos de; COSTA, Vivian Castilho da. **Gestão ambiental de zonas de amortecimento de unidades de conservação em áreas urbanas**. Coppe/UFRJ, 2014. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/nicif/riscos/Documentacao/Congressos/Apresentacoes_IICI_VIENR/Marta_Vivian_gestao_ambiental_zona_amortecimento.pdf. Acesso em: 27 maio 2015.

TEIXEIRA, F.Z.; PRINTES, R.C.; FAGUNDES, J.C.G.; ALONSO, A.C.; KINDEL, A. **Pontes de corda como passagens para animais silvestres em paisagens urbanas fragmentadas**. *Biota Neotrop.* 13(1). Disponível em: <http://www.biotaotropica.org.br/v13n1/pt/abstract?article+bn02713012013>. Acesso em: 22 maio 2015.

VIANA, Virgílio; PINHEIRO, Leandro. **Conservação da biodiversidade em fragmentos florestais**. Série Técnica IPEF, v. 12, n. 32, p. 25-42. ESALQ/USP, 1998.